

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PL rejeita chapa Flávio-Michelle, mas já se prepara para Plano B

Nem o PL, partido do senador Flávio Bolsonaro (RJ) e da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, acredita na possibilidade de uma chapa puro-sangue tendo o senador como candidato e sua madrasta como vice. Apesar da avaliação de que teria potencial de votos.

Além de pacificar o clã, Michelle como vice poderia trazer mais votos femininos para a candidatura de Flávio Bolsonaro, assim como votos de evangélicos.

A incompatibilidade de gênios entre Michelle e os filhos do ex-presidente não seria empecilho. O próprio Jair Bolsonaro chamou o general Hamilton Mourão (hoje senador pelo Republicanos) para vice da chapa que o elegeu em 2018. Os dois nunca morreram de amores um pelo outro e, durante o governo, o vice e o presidente se afastaram mais ainda sem, no entanto, romper.

A chapa Flávio-Michelle, ou Bolso-Bolso, começou a ser tratada entre governistas como uma saída que o clã Bolsonaro estaria trabalhando para a briga pública entre o filho e a mulher do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Há entre petistas até que acredite numa briga ensaiada para acabar forçando essa solução estratégica.

Mas entre lideranças do PL se afirma explicitamente que a hipótese da chapa Flávio-Michelle não é levada em conta. Procurados pela coluna, os líderes do partido no Senado e na Câmara, disseram que a sigla não trabalha com essa hipótese.

“Não podemos ter chapa pura do PL”, disse o líder do partido na Câmara, Sóstenes Cavalcante (RJ). Para ele, a candidatura de Flávio a presidente da República precisará de uma aliança com outras legendas.

O líder no Senado, Carlos Portinho (RJ), afirma que o PL nem sequer discute algo parecido. “Nunca escutei isso”, disse à coluna. Considerada a maior defensora de uma candidatura presidencial de Michelle Bolsonaro, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) concorda com Sóstenes. “Chapa pura não funciona”, disse à coluna.

No entanto, nos bastidores do PL, há uma hipótese mais aceita: o lançamento da candidatura de Michelle Bolsonaro a vice-presidente da República. Seria no caso de Flávio Bolsonaro naufragar nas pesquisas.

Aí a ex-primeira-dama poderia entrar como vice em uma chapa encabeçada por algum aliado de direita que esteja mais bem colocado. Os nomes mais falados nesse caso seriam os dos ex-governadores de Goiás, Ronaldo Caiado (PSD-GO), e de Minas Gerais, Romeu Zema.

Essa hipótese é tratada como um Plano B que contaria até com as bênçãos do ex-presidente. Está sendo esperado com ansiedade, dentro do partido, um encontro do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, com Bolsonaro

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Pausa muda o ritmo da sinfonia do futebol

Caso seja institucionalizado, o intervalo comercial no meio de cada tempo quebrará uma característica do futebol, a peculiaridade de ser como uma sinfonia, com inúmeras variações de andamento e intensidade.

Ao criar a pausa obrigatória para hidratação, a Fifa segue o padrão norte-americano de fracionar disputas esportivas, o que também favorece a exposição de marcas comerciais.

Arrisco dizer que, nos Estados Unidos, a resistência ao futebol está ligada à atração que sentem por lá pela lógica do videoclipe. Os esportes favoritos dos norte-americanos, como beisebol e aquele futebol esquisito, são descontínuos, buscam uma sucessão de cenas, uma sequência de melhores momentos; algo que revela infantilidade e incapacidade de compreensão do tempo por parte dos torcedores. Até o basquete foi contaminado por essa tendência de fatiamento do jogo.

O futebol tem outra cadência, mais próxima do ritmo da vida, cheia de altos e baixos. Uma partida apresenta diferentes variações: há momentos de profundo tédio e outros de intensa emoção; ficamos irritados com toques de bola para os lados, mas a lerdeza acaba quebrada por um drible, um lançamento, um gol, um voo impossível de um goleiro.

Quem gosta de futebol está acostumado com a alternância presente em uma sinfonia, há o allegro, o allegro non troppo, o minuetto, o presto, e por aí vai. Na plateia, sabemos

que podemos ser surpreendidos por uma mudança brusca, com uma entrada triunfal de trompetes e trompas que, associados aos tímpanos, quebram a placidez de violinos e violoncelos — como fazem Vini Jr., Messi e Mbappé. O futebol, com seus imprevistos, nos torna mais calejados para a vida.

O público dos esportes mais cultuados nos Estados Unidos prefere a sequência de emoções até mesmo na marcação dos pontos. Age como um adolescente que, sábado à noite, quer enfileirar programas: um bar, dois shows, uma casa noturna e uma saideira, como se alternasse grand finales.

Tão presente na cultura dos EUA, a necessidade de definir vencedores e perdedores é tamanha que, entre as décadas de 1970 e 1990, ligas de “soccer” proibiram o empate nos jogos. A decisão não se dava por cobrança de pênaltis, mas por um “shootout”: o atacante saía de fora da grande área com a bola dominada e tinha cinco segundos para fazer o gol — uma papagaiada para criar mais emoções e tentar negar os empates cotidianos, os zero a zero que marcam nossas trajetórias.

É razoável que haja um intervalo extra em jogos disputados quando a temperatura é muito alta, mas não cabe transformar a exceção em regra. Os 45 minutos de cada tempo de uma partida guardam a ideia de continuidade; estratégias são criadas tendo em vista a não interrupção.

A pausa forçada, que tem sido até vaiada pelo público da Copa, quebra o ritmo, esfria e muda o jogo. No futebol, como na vida, são raras as chances de uma parada que permita grandes reflexões, a graça está em detectar as chances de virada com a partida em movimento.

EDITORIAL

Teste importante para a saúde pública brasileira

A decisão do Ministério da Saúde de iniciar um projeto-piloto com a semaglutida para pacientes do Sistema Único de Saúde representa uma oportunidade para discutir como o Brasil pretende enfrentar uma das doenças crônicas que mais crescem no país e que gera impactos diretos na qualidade de vida da população e nos gastos do próprio sistema público.

O projeto começa de forma restrita, com apenas 250 pacientes atendidos pelo Grupo Hospitalar Conceição, no Rio Grande do Sul. O objetivo é avaliar não apenas a perda de peso proporcionada pelo tratamento, mas também seus efeitos sobre a saúde dos pacientes, a qualidade de vida, os resultados clínicos e, principalmente, sua viabilidade econômica dentro da realidade do SUS.

A cautela faz sentido. O principal desafio para a incorporação da semaglutida sempre foi o custo. As estimativas apontam para um impacto anual bilionário caso o medicamento fosse disponibilizado em larga escala. Em um sistema que precisa administrar recursos limitados para atender milhões de brasileiros, qualquer nova tecnologia precisa demonstrar que seu benefício justifica o investimento.

Ao mesmo tempo, a obesidade deixou há muito tempo de ser um problema exclusivamente relacionado ao peso corporal. Ela está diretamente associada ao aumento dos casos de diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e diversas outras condições que sobrecarregam hospitais e elevam os custos do tratamento de saúde. Ignorar essa realidade também produz uma conta elevada para o poder público.

É justamente por isso que iniciativas como essa merecem atenção. Antes de ampliar o acesso, é necessário compreender quais pacientes apresentam maior benefício, quais resultados podem ser alcançados no longo prazo e de que forma o tratamento pode ser integrado às demais estratégias já existentes. Nenhum medicamento deve ser visto como solução isolada para uma doença complexa.

Outro aspecto importante é evitar que o debate seja reduzido ao entusiasmo em torno das chamadas canetas emagrecedoras. O uso desses medicamentos ganhou enorme visibilidade nos últimos anos, muitas vezes impulsionado por objetivos estéticos. O mais importante é que a discussão deixe de girar em torno da popularidade do medicamento e passe a se concentrar na capacidade do sistema público de saúde em gerar soluções.

OPINIÃO DO LEITOR

Educação como prioridade

A educação é um dos principais pilares para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Apesar dos avanços registrados nas últimas décadas, o país ainda enfrenta desafios importantes, como a desigualdade no acesso ao ensino de qualidade.

Lorena Aparecida, Belo Horizonte - Minas Gerais

Contribuições por e-mail: endereco@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal